

**A LITERATURA, OS LUGARES, OS AFETOS: NOTAS DE VIAGENS DE  
JOÃO GUIMARÃES ROSA E MÁRIO PALMÉRIO**

**LITERATURE, PLACES, AFFECTIONS: JOÃO GUIMARÃES ROSA'S AND  
MÁRIO PALMÉRIO'S TRAVEL NOTES**

Viviane Cristina Oliveira<sup>1</sup>

Universidade Federal do Tocantins

**Resumo:** Autores que movimentaram a cena literária em 1956 com a publicação de livros como *Grande sertão: veredas* e *Vila dos Confins*, João Guimarães Rosa e Mário Palmério são viajantes que dedicaram algumas notas não somente ao sertão mineiro como também ao território amazônico. A breve passagem de Guimarães Rosa por Manaus e a longa estadia de Palmério na Amazônia são motivo deste artigo pelo qual ensaio revisitar algumas notas registradas por ambos em rascunhos e diários de maneira a tecer algumas reflexões sobre a composição e o inacabamento dos textos. É, especialmente, em relação ao inacabamento dos registros de viagens que arrisco, nas páginas a seguir, uma leitura que aproxima a vivência prática e afetiva dos escritores na Amazônia do desafio descolonial proposto por Walter Mignolo, o desafio da desobediência epistêmica enquanto via para a desarticulação de paradigmas de base colonial. Neste exercício de leitura, são igualmente válidas as contribuições teóricas de Eneida Maria de Souza em texto dedicado ao tema das viagens realizadas por Mário de Andrade ao Norte e Nordeste do Brasil na década de 1920, viagens que são interessante porta de entrada para as realizadas pelos escritores mineiros.

**Palavras-chave:** Amazônia. Mário Palmério. João Guimarães Rosa.

**Abstract:** Important writers in the literary scene in 1956, with the publication of *Grande sertão: veredas* and *Vila dos Confins*, both João Guimarães Rosa and Mário Palmério are travelers who dedicated some notes not only to the backlands of Minas Gerais but also to the Amazonian territory. Guimarães Rosa's short stay in Manaus and Palmério's long stay in the Brazilian Amazon are the reason for this article in which I attempt to revisit some notes recorded by the two writers in drafts and diaries in order to reflect upon the composition and unfinished nature of their texts. It is, especially, in relation to the unfinished travel records that I propose, in the following pages, a reading that brings the practical and affective experience of these two writers in the Brazilian Amazon closer to the decolonial challenge proposed by Walter Mignolo, the challenge of an epistemic disobedience as a path towards the disarticulation of colonial-based paradigms. In this reading exercise, the theoretical contributions of Eneida Maria de Souza in texts dedicated to the theme of the travels made by Mário de Andrade to North and Northeast Brazil in the 1920s are equally valid inasmuch as his travels are an interesting way to illuminate those made by the two writers from Minas Gerais.

**Keywords:** Amazon. Mário Palmério. João Guimarães Rosa.

---

<sup>1</sup> Doutora em Letras: Estudos Literários pela Universidade Federal de Minas Gerais. Professora do Curso de Letras e do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Tocantins. E-mail: vivianecristina@uft.edu.br

Recebido em 14 de julho de 2023.

Aprovado em 15 de dezembro de 2023.

## Introdução

Em seu último livro publicado em 2021, *Narrativas impuras*, Eneida Maria de Souza dedicou alguns capítulos à revisitação da obra e da trajetória intelectual de Mário de Andrade de maneira a demonstrar a importância do trabalho artístico e crítico na contemporaneidade. Glosando o título do livro contendo as notas de viagem de Mário, *O turista aprendiz*, publicado de forma póstuma em 1976, Eneida recupera, no capítulo “Um turista nem tão aprendiz”, as viagens que o escritor fizera ao Norte e ao Nordeste nos anos de 1927 a 1928. Organizadas a partir de um trabalho no arquivo do escritor, conduzido por Telê Ancona Lopez, as notas de Mário, tecidas nos vínculos entre o trabalho e o lazer, demonstram o objetivo maior das viagens: “o deslocamento cultural como abertura para diferentes concepções estéticas”<sup>2</sup>.

A viagem enquanto “deslocamento cultural” capaz de contribuir na busca por “diferentes concepções estéticas” e no registro de dados regionais, como assinala Eneida ao tratar do itinerário de Mário de Andrade, é válido caminho interpretativo para acessar as notas de dois viajantes mineiros, ambos compelidos a registrar algumas observações sobre a Amazônia: Mário Palmério e João Guimarães Rosa. Foi ao longo de uma pesquisa em arquivos, a fim de estudar possibilidades interpretativas do conceito de regionalismo em nossas letras<sup>3</sup>, que reencontrei estes dois escritores mineiros na rota amazônica. No arquivo de Mário Palmério, alocado na Universidade de Uberaba, uma longa viagem à Amazônia se revela em fotografias e anotações. No arquivo de Guimarães Rosa, alocado no Instituto de Estudos Brasileiros, da Universidade de São Paulo, alguns registros indiciam uma breve passagem por Manaus, passagem responsável por um exercício textual do qual restam fragmentos.

Especialmente em relação a Mário Palmério, a viagem à Amazônia se constituiu como deslocamento planejado pelo autor com vistas a encontrar um novo caminho para a escrita literária. Em seus diários, bem como nas anotações feitas por Rosa em sua

---

<sup>2</sup> Em SOUZA, Eneida Maria de. *Narrativas impuras* [livro eletrônico]. Recife: CEPE, 2021, capítulo “Um turista nem tão aprendiz”, p. 38.

<sup>3</sup> Pesquisa realizada sob a orientação de Reinaldo Marques, visando a elaboração de tese intitulada *O sertão no arquivo: considerações sobre o(s) regionalismo(s) na literatura brasileira*. 426 f. Tese (Doutorado em Letras) - Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2021.

passagem por Manaus, o encantamento ante uma paisagem exuberante tanto instigou o desejo de criação literária como impossibilitou a efetivação de um texto para publicação. Ainda que guardados nos arquivos dos escritores, esses registros de viagens nos permitem incluí-los no rol dos muitos artistas e intelectuais que se dedicaram a escrever sobre a Amazônia, constituindo um panorama que Amarílis Tupiassú (2005, p. 306), no texto “Amazônia, das travessias lusitanas à literatura de até agora”, alinhavou de maneira a demonstrar a multiplicidade de distintos olhares mobilizados pela “grandiosidade da natureza, assim como pelo sentimento de pequenez do ser humano ao impacto da exuberância circundante”.

Acessar os rastros dessas viagens é aproximar-se de imagens e textos que indiciam tanto o encantamento diante da paisagem circundante como o desassossego desencadeado pelo que não pode ser facilmente descrito ou representado, desassossego diante do que escapa às tentativas de delimitação ensaística e ficcional. É nessa inquietação face ao exuberante, ao excessivo, ao diverso, que habitam instigantes possibilidades de leitura dos documentos pertencentes aos arquivos de maneira a perceber, no inacabamento dos mesmos, caminhos para pensar uma relação mais ética e afetiva com os lugares. Relação que pode nos conduzir àquela desobediência epistêmica sugerida por Walter Mignolo ao tratar da opção descolonial. Aprender “a desaprender, e aprender a reaprender a cada passo” é o desafio lançado por Mignolo (2008, p. 305) ao indicar a desobediência epistêmica como via para a desarticulação de paradigmas conceituais e políticos de base colonial, desafio que o território amazônico parece lançar a seus visitantes.

Ler as impressões registradas pelos viajantes Guimarães Rosa e Mário Palmério é não raro entrar em contato com experiências que sugerem os movimentos de aprender e desaprender, “aprender a reaprender”, o que espero aos menos demonstrar em partes nas páginas a seguir. Páginas nas quais destaco pequenos fragmentos do que guardam os arquivos destes escritores que, mesmo não podendo constar (pelo ineditismo dos registros) entre os nomes listados por Amarílis Tupiassú ao mencionar algumas figuras responsáveis por relevantes páginas sobre a Amazônia, podem ser associados àqueles que, atraídos pela terra, suas culturas, seus habitantes, se detiveram a escrever sobre suas experiências de viagens, a exemplo do que fizeram Raul Bopp e Mário de Andrade.

Autor cuja presença na cena literária nacional se tornara motivo de intensa atenção e calorosos debates, especialmente após a publicação, em 1956, dos extensos volumes de *Corpo de baile e Grande sertão: veredas*, João Guimarães Rosa é o viajante a nos

conduzir inicialmente a algumas linhas sobre a Amazônia, vista e vivida em viagem registrada em algumas anotações.

### 1 A “Amazoniazinha” de João Guimarães Rosa

Em nota à primeira edição de *Ave, palavra*, livro publicado postumamente em 1970, Paulo Rónai (2001, p. 16) indica ao leitor o intuito de Guimarães Rosa de fazer uma “‘miscelânea’, querendo caracterizar com isto a despreensão com que apresentava estas notas de viagens, diários, poesias, contos, flagrantes, reportagens poéticas e meditações” publicadas em jornais e revistas entre os anos de 1947 e 1967. Aos textos selecionados pelo escritor, falecido antes de concluir o livro, outros foram acrescentados, incluindo quatro inéditos, a exemplo “Do diário em Paris, II”. Assim como este texto, composto por notas de viagem, outros apresentam ao leitor um olhar sobre diferentes localidades, dentro e fora do Brasil, não raro constituindo-se em louvações, tais como as dedicadas a “Minas Gerais” e “Ao Pantanal”. Semelhantes a estes textos, publicados em *Ave, palavra*, são algumas páginas inacabadas dedicadas à Amazônia pertencentes ao arquivo do escritor, alocado no Instituto de Estudos Brasileiros, em São Paulo.

Rastros de uma viagem a Manaus, as anotações datilografadas por Guimarães Rosa podem nos permitir inferir um trabalho de composição que se moldaria à miscelânea preparada pelo autor, falecido no mesmo ano em que registra em carta ao amigo William Agel de Mello uma viagem à capital do Amazonas. Na referida missiva, datada de 24 de janeiro de 1967, João Guimarães Rosa relata ao amigo que: “Estou regressando de Manaus, apaixonou-me a Amazônia inteira, o Rio Negro, o Solimões, os igarapés, aves, verdes, tranquila essência”<sup>4</sup>. Talvez seja este ano de 1967 uma data possível de ser vinculada às notas sobre a Amazônia, registradas em folhas avulsas, de modo a indiciar algumas impressões sobre os rios, as matas, os igarapés mencionados ao amigo William Agel. Assim, os rios Solimões e Negro surgem nos manuscritos do escritor mineiro em “confluência [...] Senhores no entre-reinar [...] encontro das águas”, águas que “lavam a alma da gente”<sup>5</sup>. Intensidade dos rios igualmente percebida em relação à mata, responsável por despertar sensações, sabores: “a pindoramagem (das palmeiras)/ com insinuações de sabor/ os buritis”<sup>6</sup>.

<sup>4</sup> Em ROSA, João Guimarães. *Cartas a William Agel de Mello*. São Paulo: Ateliê, 2003, p. 37.

<sup>5</sup> Fundo João Guimarães Rosa, IEB, série Literatura, subsérie “Manuscritos”, referência JGR-M-20,63.

<sup>6</sup> *Ibidem*.

É a partir da confluência entre a mata e a cidade, confluência semelhante a dos rios que se encontram, se misturam sem deixar de manter “um nítido limite entre seus corpos”<sup>7</sup>, que o escritor alinhava estas impressões esparsas em um exercício de construção textual intitulado ora Amazônia, ora “Amazoniazinha”. O texto, não finalizado, se abre com uma impressão sugestiva de um espaço em criação: “Initiisterra. Só uma maneira de abordagem nos comunica com o imenso: a miúda. Axi! Sete dias de entrevinda, à ‘mais vasta região terrestre’, sem o pinçar da minúcia. Onde puja um mundo, conforme o visível.”<sup>8</sup>.

Junção entre as palavras latinas terra e *inittis*, esta última correspondendo ao plural de *initio*, ablativo de *initium* (início, começo), “initiisterra” sugere uma dupla circunstância (sentido da declinação no ablativo), aquela que remete ao início da terra, do mundo, ecos do gênesis, e aquela que designa o início do texto. É em relação ao texto que esta expressão, grifada pelo escritor, é sequenciada pela consideração segundo a qual somente uma abordagem “miúda”, detalhista, “nos comunica com o imenso”. Contudo, a anunciada aproximação do que é desmedido, o espaço, a mística da criação, pelo que é medido, o miúdo das coisas, das palavras, é possibilidade que se desfaz pela interjeição “Axi!”, proveniente do nheengatu, nesta língua expressando repulsa, nojo ou desprezo. Exclamação recorrente na fala do onceiro que ganha a cena principal em “Meu tio o Iauaretê”, “Axi!” interrompe e afasta a ideia de abordagem detalhista anteriormente enunciada, seja pela impossibilidade de realizá-la no tempo de uma viagem da qual não sabemos a cronologia, seja pela opção de uma abordagem mais contemplativa. Seguindo esta segunda via, podemos interpretar a contemplação como possibilidade de perceber e apresentar, “sem o pinçar da minúcia”, o lugar onde “puja um mundo, conforme o visível”.

Enquanto relato do que se dá a ver, “conforme o visível”, o texto que lemos, em sua inconclusão, apresenta Manaus em cenas que alinhavam a floresta e a cidade, a natureza e o asfalto, em uma ambiência impregnada pela cultura indígena, da linguagem aos mitos presentidos no cotidiano. Nesse sentido, o uso da palavra captada na língua geral para interromper uma afirmação sobre minúcias é significativo na medida em que rompe com uma aproximação associável àquela dos viajantes movidos por razões científicas, viajantes europeus que se colocaram a registrar dados sobre a fauna e a flora de um espaço que, semelhante a novo Éden, incitava o “pinçar” de particularidades. A

<sup>7</sup> Fundo João Guimarães Rosa, IEB, série Literatura, subsérie “Manuscritos”, referência JGR-M-20,62.

<sup>8</sup> Ibidem. A palavra “Initiisterra” foi grifada pelo autor.

palavra em *nheengatu* pode também ser percebida como marca da presença indígena, rasurada em alguns roteiros turísticos sobre os rios e igarapés, roteiros guardados pelo escritor que, em suas anotações, marca a presença indígena não raro obliterada por um imaginário que ora a insere num tempo estancado do Eldorado, apartado das cidades, ora a anula como se extinta nos processos de colonização. Este último significado é o que parece prevalecer na elaboração textual de um dos roteiros, no qual o turista é apresentado a um lugar, “espelho da Amazônia”, que, mantendo a natureza exuberante apesar da expansão urbana, oferece a experiência dos banhos, uma prática introduzida pelos ingleses e mantida pelos manauaras, um “povo, inspirado na sabedoria dos ingleses”, que “não fugindo aos hábitos de seus ancestrais – os indígenas – encontra um ótimo refúgio para esse calor nos banhos”<sup>9</sup>.

Os indígenas, nas impressões relatadas pelo escritor, não são ancestrais, mas presença viva, captada no cotidiano, na linguagem, na paisagem, esta destoando daquilo que poderia se esperar da Amazônia se imaginada como espaço que corresponde somente à natureza intocada pela técnica:

Já ao descer no Aeroporto Internacional de Ponta-Pelada, a gente começa o espanto. Esperava-se aqui Manaus, fluminesca, rionegrina, a cidade despertada na mata. Mas ninguém nos tinha dito ser ela assim de simpatia e tamanho, boa como um pudim ou um presépio, urbs metrópole. [...] De automóvel, vai-se à Ponta-Negra, a Copacabana local; e ao Tarumã, um ribeirão, que aqui dizem “igarapé”: em tupi “caminho de canoa”. Duas cachoeiras. Daqui, a moderna rodovia leva seu asfalto à cidade mais próxima, Itacoatiara. – “Isto não é ainda a selva...” – advertem-nos. Seja, uma amostra Silvícula, a selva na vitrina. Alíás, em toda a Amazônia, não se pode dizer “brenha” – tanto a selva é normal, regular, predominante, prevista. Está-se no tempo da árvore e da folha. O que desta mata primeiro e diferente se sente, é o cheiro – estranho, ácido, acerbolência, com insinuações de sabor. Entremeiam-se com as essências os buritis! sem água ao pé, sua pindoramagem, deve-se à uligem. Os ônibus trazem de lado, cada um, individualmente, um nome: “Iracema”, “Jaqueline”, “ah Cássia”, “Deiwis”, “Amazonilo”, “Pacífico”, “Nortista”, “Santa Luzia”. Se não é que se humanizem, as máquinas viram quase xerimbabos.<sup>10</sup>

Enquanto cena que atrai a atenção pelo inesperado responsável por romper expectativas, Manaus é a cidade que se dá a ver não somente nos vínculos com a natureza, perceptíveis nos adjetivos relacionados aos rios (“fluminesca”, “rionegrina”), como também pela técnica que engendra edifícios, rodovias, a “urbs metrópole”. Seus traços,

<sup>9</sup> Guia turístico “Manaus – Amazonas. Banhos e igarapés”. Fundo João Guimarães Rosa, IEB, série Literatura, subsérie “Manuscritos”, referência JGR-M-20,55.

<sup>10</sup> Fundo João Guimarães Rosa, IEB, série Literatura, subsérie “Manuscritos”, referência JGR-M-20,61.

seu tamanho, atraem o visitante que a percebe simpática, “boa como um pudim ou um presépio”, boa como um doce ou a encenação natalina em relação à qual podemos associar os afetos familiares. Ao presépio está associada a imagem da natividade enquanto representação que se vincula à celebração familiar, afetiva, e à arte de construir uma cena, um artifício, que envolve cores, odores, movimentos, como descreve o narrador na cena inicial do conto “*De stella et adventu magorum*”, inserido em *Ave, palavra*. O presépio, nesta narrativa sobre os três reis magos encarnados nos cantadores da Folia de Reis, é “repetir-se de matérias belas, retidas em arte de pequena eternidade”, arte percebida no “fino brilho suspenso das bolas de cores e ao vivo cheiro de ananás, musgo, cera nobre e serragens”, ambiente que acolhe a sagrada família, os pastores e a “avessa gente e objetos, confusas faunas, floras, provendo a muitíssima paisagem, geografia miudamente construída, que deslumbrava, à alma, os olhos do menino míope” (ROSA, 2001, p. 101).

Se lemos neste menino míope a figura espelhada do autor, compreendemos a simpatia com que adjetivou uma “muitíssima paisagem”, onde de um igarapé, “caminho de canoa”, segue-se numa “moderna rodovia” (adjetivo que no datiloscrito é acompanhado da opção “silvestre”), cujo asfalto é margeado pela selva “predominante”, da qual desprendem-se cheiros, sabores. Dos aromas da mata, aos quais se associam os buritis, verdes por causa da “uligem”, ou “umidade natural do solo”<sup>11</sup> como consta em nota a esta expressão “m%”, este observador parte para a curiosidade sobre o que podemos considerar como avessos objetos: os ônibus identificados com nomes próprios em uma prática interpretada menos como humanização das máquinas do que como quase animalização, sinalizada pela expressão indígena “xerimbabos”. Palavra usada para referir-se aos animais silvestres domesticados, significando em tupi “coisa querida”, xerimbabo marca a presença indígena no cotidiano e nas práticas culturais, entre as quais ganham interessante relevo, no texto, as peças de artesanato, como as expostas no “museuzinho do Patronato ‘Santa Teresinha’”<sup>12</sup>, no Alto Rio Negro.

A feição artística dos objetos de uso, de trabalho, incita a reflexão de que “não se está no mundo da ‘gana’ keyserlinguiana, mas do estilo. Herança tupi-tapuia. A estilização sumarizante, do índio. Pasma ver a mesma, nas peneiras, faixas, nos cestos e adornos [...]”<sup>13</sup>. O mundo do estilo é aquele que podemos compreender como

<sup>11</sup> Em rascunho para o texto “Amazônia”. Fundo João Guimarães Rosa, IEB, série Literatura, subsérie “Manuscritos”, referência JGR-M-20,63.

<sup>12</sup> Fundo João Guimarães Rosa, IEB, série Literatura, subsérie “Manuscritos”, referência JGR-M-20,61;p.2.

<sup>13</sup> *Ibidem*.

singularizado por traços próprios, índice da reelaboração técnica dos materiais coletados na natureza que contradiz o referido “mundo da ‘gana’” do qual falara o conde Hermann de Keyserling em suas impressões sobre a América do Sul. Como explicita Daniel Faria em seu artigo “As meditações americanas de Keyserling”, o conde percebia a América, visitada entre os anos 1929 e 1930, como território estancando no “Terceiro Dia da Criação, momento bíblico do surgimento de vegetais e animais terrestres” – uma temporalidade telúrica, pré-histórica, pela qual a região se caracterizava “pelo predomínio irracional da gana, pelos impulsos instintivos de autopreservação da vida” (FARIA, 2013, p. 907, 915). Não são os impulsos instintivos ou da temporalidade anterior à história que se fazem perceber no trabalho sob as formas, os objetos, confeccionados pelos indígenas e dados a ver no museu, espaço de memória que indicia um passado que não é anterior à história como lemos em Keyserling.

Indicando uma herança, a “tupi-tapuia”, elaborada sob uma “estilização sumarizante”, ou ainda percebendo os ônibus como “quase xerimbabos”, animais domesticados, o escritor compõe uma imagem heterogênea de um fragmento da Amazônia, na qual “o tempo da árvore e da folha”, da floresta, convive com as rodovias que cortam a mata como se a colocando numa vitrine. Imagem de tempos e culturas se entrecruzando de maneira a se ter a impressão de que o homem estabelece com a natureza e com as máquinas outras conexões, Manaus é a cidade moderna não esvaziada dos mitos, como da Iara, pressentida “no ar”, da mística do gênesis e do que vem depois dele, a natividade. Esta última retornando nos nomes e nas vozes de duas “indiazinhas teenagers, vindas a Manaus para tratar dos dentes, Nazalia, da tribo Uanana, e Maria, dos Tukanos” que “dialogam em seu idioma comum, um dialeto tukano” e “rezam orações traduzidas, e cantam, absurdamente, o ‘Noite Feliz’”<sup>14</sup>.

Na confluência entre línguas, tal como a dos rios, o Negro e o Solimões, este texto em construção sobre a “Amazônia” se apresenta não como síntese de um lugar, da floresta, da cidade ou da região, mas impressão que não delimita em fronteiras a paisagem. Nisto, talvez, resida a força de fragmentos que sinalizam um encontro mais afetivo com o lugar, responsável por sensações que desencadeiam o uso de um diminutivo, “Amazoniazinha”, que tanto rememora a língua geral na qual os diminutivos são frequentes, como replica a lógica infantil capaz de ver e colecionar miudezas, atribuindo-lhes novos sentidos. Nesse movimento, o escritor nos permite rememorar os

---

<sup>14</sup> Fundo João Guimarães Rosa, IEB, série Literatura, subsérie “Manuscritos”, referência JGR-M-20,61; p. 2.



pressupostos elencados por Walter Mignolo no texto “Desobediência epistêmica: A opção descolonial e o significado de identidade em política” (2008, p. 296), especialmente aquele que se refere à opção descolonial enquanto possibilidade de “imaginar um mundo no qual muitos mundos podem co-existir”. A Amazônia, na escrita inconclusa de Guimarães Rosa, se refaz como espaço em que as diferenças podem existir, coexistir e resistir inclusive às tentativas de delimitação discursiva.

## 2 O navegante Mário Palmério

Contemporâneo de João Guimarães Rosa, Mário Palmério tornou-se reconhecido na cena literária nacional pela publicação, em 1956, do romance *Vila dos Confins*. Após publicar em 1965 seu segundo romance, *Chapadão do Bugre*, o escritor viveu um hiato criativo que o fazia buscar inspiração literária em uma paisagem diversa do familiar sertão mineiro: a Amazônia. Em seu arquivo alocado na Universidade de Uberaba, da qual foi fundador e reitor, estão os rastros de duas viagens ao norte do país: a primeira realizada em 1969 e a segunda iniciada em 1978, desta última resultando uma longa estadia, durante a qual construiu um barco, nomeado Fray Gaspar de Carvajal, que se transformou em moradia e transporte.

No decorrer de sua segunda estadia na Amazônia, o escritor conservou dois diários, os quais se constituiriam em material para textos a serem publicados no jornal *O Estado de S. Paulo*, projeto que não se concretizou ao longo dos nove anos em território amazônico. As notas recolhidas nos cadernos durante os anos de 1978 a 1981 não deixaram o âmbito particular para figurar nas páginas do jornal, restando desse projeto uma série de impressões, fotografias e anotações guardadas em seu arquivo pessoal.

Em 9 de janeiro de 1978, Mário Palmério inaugura o caderno intitulado “Diário da 2ª viagem à Amazônia Brasileira” com alguns registros sobre o trajeto de Uberaba a Manaus e a chegada ao Hotel Tropical, “muito bom” e “muito inconveniente, porém, para quem precisa estar sempre na cidade, da qual dista quase 20kms”<sup>15</sup>. Distância responsável pela mudança para o hotel Lobo d’Alvorada, “modesto, mas de simpático dono” e com a vantagem de se situar “bem no centro comercial de Manaus”<sup>16</sup>. A localização no centro da cidade permitirá ao escritor não somente tratar com mais agilidade da construção de

---

<sup>15</sup> *Diário da 2ª viagem à Amazônia Brasileira*. Memorial Mário Palmério, Uniube.

<sup>16</sup> *Ibidem*.

seu barco, como também registrar observações sobre o cotidiano da cidade, a exemplo da costumeira fila que se formava próxima ao hotel num ponto de venda de tacacá, bebida que inspira a curiosidade: “dizem que vicia... que é extraordinariamente afrodisíaco... Amanhã vou tentar descobrir a receita exata, conversarei com a mulher que a prepara... – os pormenores todos, enfim, da beberagem mágica...”<sup>17</sup>.

Engajado inicialmente no projeto de artigos para o jornal, Palmério registra no diário a importância da manutenção do mesmo enquanto espaço para anotações que auxiliariam no processo de composição textual: “O importante é não deixar ocioso este Diário. Agora, é por aqui toda ideia ocorrente. Anotar tudo, tudo, inclusive termos e expressões locais. O glossário amazônico, bem como as fotografias, nisso estará meu recurso de encher o espaço do jornal”<sup>18</sup>. Ensejando escrever textos sobre a Amazônia, reunirá não somente palavras, temas, impressões, notas de leitura em seu caderno, como também retratos de si mesmo, percepções, inclusive, de seu corpo, que integrariam o texto inicial a ser publicado em *O Estado de S. Paulo*, como indica em anotação no dia 4 de maio de 1979: “Ando imaginando a primeira publicação mais ou menos assim: [...] Começo com uma anotação pessoal [...] estou bem, muito bem, admiravelmente bem de corpo e de espírito”. Como possibilidade de continuação dessa matéria inaugural, alguns temas e imagens condensam-se na fronteira com a poesia: “A noite ainda de todas as estrelas acesas... O espelho do rio Negro [...] onde as estrelas se refletem, o céu se reflete, duplicado, repetido. A ausência do horizonte cria o céu infinito... A cheia apagou a margem...”<sup>19</sup>.

Em seu diário, lemos tanto o entusiasmo com a viagem, o prazer de “levar esta gostosa vida de viajar de barco, conhecendo novos lugares e nova gente”<sup>20</sup>, motivo que o afastou da assiduidade necessária para a escrita (também registrada no diário), como o compromisso de estudo e pesquisa materializado na biblioteca instalada em sua embarcação. Nessa biblioteca flutuante, o escritor acumulou diversos livros sobre a Amazônia, livros que lia e fichava no intuito de comparar a paisagem vista ao redor e as reflexões de autores como Euclides da Cunha. Amparado em leituras, notas, imagens, Mário Palmério enseja não somente compor artigos, como também um romance, o que o

<sup>17</sup> Anotação do dia 13 de janeiro de 1978, *Diário da 2ª viagem à Amazônia Brasileira*. Memorial Mário Palmério, Uniube.

<sup>18</sup> Anotação do dia 12 de janeiro de 1978, *Diário da 2ª viagem à Amazônia Brasileira*. Memorial Mário Palmério, Uniube.

<sup>19</sup> *Diário da 2ª viagem à Amazônia Brasileira*. Memorial Mário Palmério, Uniube.

<sup>20</sup> Anotação do dia 10 de março de 1981, segundo diário de viagem, intitulado *Apontamentos para o Diário de Bordo Fray Gaspar de Carvajal. De 8-2-81 a ...*. Memorial Mário Palmério, Uniube.

leva desde as páginas iniciais do diário a registrar o compromisso com a escrita, atenta a detalhes e pormenores, como nos permite notar em suas considerações do dia 8 de fevereiro de 1978:

Ouvir, anotar e nada deixar passar sem registro. A memória falha, e uma preguiçazinha qualquer pode inutilizar uma oportunidade excelente. É escrever, escrever sempre, mesmo que seja para melhorar a letra... E, hoje, posso fazê-lo. [...]. Um mês, apenas, fora de Uberaba, e sinto-me outro – sadio, esperançoso, otimista, confiante na minha inteligência e na minha habilidade de escritor. Já leio com prazer, as horas passam, imperceptíveis, ocupadas com a cabeça atenta, fértil, desejosa de se ver funcionando de novo. Pela primeira vez – tive de repartir a “Vila dos Confins” com o sórdido ramerrão da Câmara, e o “Chapadão do Bugre” com as dificuldades de tocar o Cangalha – sinto-me livre, despreocupado das coisas que atrapalham, livre e apto para usar meus sentidos e minha imaginação, dando-lhes mão capaz de ser seu instrumento de aplicação e de uso adequado e competente. Construir este meu barco – bonito, confortável, eficiente – já é um gozo completo. Viver nele, viajar com ele, usá-lo para o meu isolamento e a minha produção literária, é o máximo de prazer e satisfação pessoal a que posso almejar. Não haverá mais desculpas para a inatividade literária que durou 12 anos... [...] 2 páginas diárias, essa a ração que devo fornecer ao “Estado”... Se começasse agora, neste instante, seria capaz de escrever 10, antes que a manhã levantasse... Mas tenho de esperar, contentar-me com as notas deste Diário, para aqui passadas sem preocupação de forma e estilo, pois é mesmo assim que se escreve um Diário. Li o de Euclides da Cunha, o que gerou os sertões... É como se escrito por duas pessoas totalmente opostas, ou, pelo menos, bem diferentes uma da outra...<sup>21</sup>

Tais anotações nos permitem ler o diário, enquanto escrita de si, como prática que mobiliza o gesto autoral de tal forma que, no processo de registro e reflexão íntimos, diferentes papéis sociais entrecruzam-se no tecido textual, papéis pelos quais fragmentos de uma biografia se dão a perceber. Por estes fragmentos, se fazem notar os planos de composição de um novo texto literário, para o qual concorre um tempo favorável, distinto daquele que presidira a composição de *Vila dos Confins*, composto enquanto atuava como deputado federal, e *Chapadão do Bugre*, realizado em meio às tarefas de sua fazenda Cangalha. É assumindo o papel de autor, consciente dos processos de produção que envolvem o ato de escrita, que faz ponderações sobre a própria configuração do diário, “sem preocupação de forma e estilo”, texto a ser escrito assim, à beira de uma ilusão especular, as sensações e impressões registradas tal como foram suscitadas no momento em que se escreve.

No desejo de escrever outros livros, para os quais rascunha títulos como “Trópicos tópicos” e “A última viagem”, Palmério comenta textos que teriam alcançado relevância

---

<sup>21</sup> *Diário da 2ª viagem à Amazônia Brasileira*. Memorial Mário Palmério, Uniube.

literária e estética, a exemplo de *Macunaíma*, livro inspirado em um mito amazônico “uma curta história de ½ página – e dela Mário de Andrade fez uma obra-prima”<sup>22</sup>. Talvez, em suas anotações diárias, o escritor mineiro estivesse mais próximo da composição não de algo semelhante a *Macunaíma*, mas de um texto como *O turista aprendiz*, livro não finalizado pelo escritor paulista, mas por ele publicado parcialmente, em fragmentos, em coluna do jornal *Diário Nacional* no ano de 1927. Tendo destino, de certa maneira, semelhante ao das notas de Mário Palmério (o arquivo), as anotações de Mário de Andrade, reunidas por Telê Ancona Lopez, sinalizam um trabalho de recriação do material coletado em viagem, um exercício poético que entrelaça ficção e observação etnográfica, de forma a dar a perceber um viajante engajado no trabalho intelectual, como assinala em possível apresentação aos leitores: “Durante esta viagem pela Amazônia, muito resolvido a... escrever um livro modernista, provavelmente mais resolvido a escrever que a viajar, tomei muitas notas como vai se ver [...] Se gostei e gozei muito pelo Amazonas, a verdade é que vivi metido comigo por todo esse caminho largo de água” (ANDRADE, 1983, p. 49).

Recorrentemente caminhando em direção inversa ao do escritor modernista cuja obra admirava, Mário Palmério, viajante que iniciara sua trajetória engajado em projetos de escrita de livro e artigos para jornal, deixou-se atrair pela viagem, pela experiência de percorrer rios e povoados, experiência que frequentemente o afastava da escrita assídua do que vivenciara. Acompanhando esse viajante que buscava um retorno para a criação ficcional, pode-se flagrar um constante movimento de percepção da paisagem, diálogo com ribeirinhos, e estudo de vasta bibliografia sobre a Amazônia. É assim que, dedicado a registrar suas leituras, Palmério anota em seu diário:

À medida em que as leituras e os respectivos apontamentos avançam, vou “racionalizando” meu trabalho. Noto que as coisas se vão repetindo, e o fichário está se transformando em um dicionário de proporção gigantesca... Se continuar assim, vou me engalfinhar num papelório infinito, e, em vez de ter as coisas mais fáceis, tê-las-ei mais difíceis e complicadas. Experimentarei, portanto, outro método: só anotar na ficha do verbete o que aparecer de interessante e não mencionado antes. E, aqui no diário, mais títulos que textos, apenas “chamadas” para que, em leitura retrospectiva, possa achar o que procuro com facilidade...<sup>23</sup>

<sup>22</sup> *Diário da 2ª viagem à Amazônia Brasileira*. Memorial Mário Palmério, Uniube.

<sup>23</sup> Anotação do dia 6 de julho de 1978. *Diário da 2ª viagem à Amazônia Brasileira*. Memorial Mário Palmério, Uniube.

Nesta luta para evitar um papelório infinito, percebemos a tentativa de registrar, pesquisar dados sobre a Amazônia, num movimento constante de leituras e observação da paisagem ao redor indiciador de uma escrita atenta a detalhes e pormenores. É ensejando registrar minúcias, que o escritor transforma o diário em caderno de anotações semelhantes a um fichário:

Creio que encontrei a boa maneira de continuar este diário, vou anotando as observações que, antes, vinha fazendo em fichas. Além de ser mais fácil e menos desconfortável que o manuseio das fichas, tenho o “Diário” a mão para qualquer outra anotação oportuna. E é mais fácil carregar um livro que uma gaveta de arquivo...<sup>24</sup>

Tomado como um instrumento de arquivamento, uma gaveta para fichas, o diário indicia as práticas de pesquisa recorrentes no trabalho de composição ficcional do autor mineiro, cuja obra pode, de certa maneira, ser percebida nos termos que Eneida Maria de Souza usou ao tratar do trabalho de pesquisa de Mário de Andrade, um trabalho que “se nutria do arquivo pessoal e alheio para a produção da obra a meio caminho entre a arte e o documento”<sup>25</sup>. Valendo-se de registros pessoais e alheios, Palmério reuniu um acervo sobre a Amazônia que, não reelaborado em um projeto artístico, se configurou enquanto excesso, excesso de arquivo, em certa medida responsável pela falência dos planos de escrita ensaística e ficcional.

Restaram os projetos, os desejos e o próprio acervo reunido pelo escritor em um esquecimento que nos aproxima daquele risco, ou mal, do qual tratou Jacques Derrida, inerente a todo processo de consignação. É o mal de arquivo o impulso de apagamento e destruição na raiz mesma dos dispositivos e monumentos de “acumulação e capitalização da memória sobre algum suporte e em algum lugar exterior” (DERRIDA, 2001, p. 23), sem o qual não haveria desejo de retenção da memória, de luta contra a finitude. Acumulando livros, imagens, registros em sua biblioteca flutuante, Mário Palmério assinala tanto o esforço de consignação como a impossibilidade de estabilizar e resguardar o que se faz movente e perecível. A realização de sua viagem e a impossível realização de um texto para publicação nos indiciam que, por caminhos outros, não os da escrita, este viajante logrou vivenciar, de forma intensa e emotiva, um lugar não raro minado pelos discursos das ciências. É na falência da representação, que o escritor

---

<sup>24</sup> Anotação do dia 2 de setembro de 1978, *Diário da 2ª viagem à Amazônia Brasileira*. Memorial Mário Palmério, Uniube.

<sup>25</sup> Em SOUZA, Eneida Maria de. *Narrativas impuras* [livro eletrônico]. Recife: CEPE, 2021, capítulo “Um turista nem tão aprendiz”.

mineiro pode ter enfim nos permitido um olhar outro sobre a Amazônia, ou ainda, sobre a Amazoniazinha, como a denominou Guimarães Rosa – um espaço que excedeu às tentativas de síntese e elaboração ficcional.

### 3 Considerações Finais

Em uma de suas anotações ao longo da estadia em Manaus, Mário Palmério registrou algumas das leituras que fez na busca por temas para a escrita. Entre os autores lidos, selecionados por tratarem de assuntos ligados à Amazônia, estão Álvaro Maia, Paulo Jacob, Raymundo de Moraes, Alberto Rangel, Euclides da Cunha, Mário de Andrade, entre outros. Tanto nos textos destes autores como nos diálogos que manteve com ribeirinhos ao longo de sua viagem, o escritor mineiro nos permite vislumbrar uma miscelânea de olhares e perspectivas sobre o território amazônico que nos aproxima de uma impressão sobre o lugar nos termos usados por Doreen Massey no livro *Pelo espaço*. Nos termos desta pesquisadora, o espaço pode ser compreendido como “esfera da possibilidade da existência da heterogeneidade [...] da coexistência da heterogeneidade”, sempre em construção, nunca acabado, nunca fechado, o espaço, é uma “simultaneidade de estórias-até-agora” (2009, p. 29).

É enquanto “simultaneidade de estórias-até-agora” que a Amazônia se refaz textualmente nas anotações de Mário Palmério e João Guimarães Rosa, anotações incompletas, lacunares e, por isso, potentes ao sinalizar um contato mediante o qual os discursos, das ciências ou da ficção, cedem a vez para encontros mais afetivos com o lugar. Afeto aqui compreendido como o sugere Diana Klinger em seu ensaio intitulado “Literatura e ética: da forma para a força”. Pensando a ética enquanto “uma forma de estar no mundo”, uma “escolha existencial pela potência”, Diana confere ao afeto função central neste estar no mundo, afeto compreendido não como sentimento, emoção fundada na interioridade. Os afetos, nas palavras desta pesquisadora, acontecem nos encontros, em uma dinâmica relacional. “Os afetos surgem nas relações, na capacidade de agir e ser atingido entre corpos”, ou seja, “corpos não possuem afetos, mas potencialidade de afetar, pois os afetos acontecem na relação, em função da relação. Não são propriedades de um corpo, mas eventos, marcas e vestígios de um encontro, de uma dinâmica relacional” (2014, p. 81).

Se os afetos se tornam possíveis nas relações, nos contatos e vivências entre corpos (humanos e não humanos), entre os corpos e os lugares (poderíamos acrescentar), podemos dizer que os viajantes mineiros se colocam nessa dinâmica afetiva quando se permitem entrar em contato com o lugar, de maneira a experimentar um desnorreamento do olhar e dos sentidos. E experimentar tais sensações, significou rever concepções, leituras, ponderar sobre o que de pertinente e impertinente havia sobre um território responsável por atrair múltiplos interesses e variadas interpretações. Podemos dizer que a Amazônia, como descrita nas anotações pessoais dos escritores, é espaço correspondente ao que Walter Mignolo delineia enquanto via para o reconhecimento de um pensamento, o das Américas, que não pode ser réplica ou espelho do europeu: “a vida orgânica exuberante (alguns diriam “natureza”) e a densa memória das civilizações e cosmologias indígenas (ao invés de gregas, romanas ou hebraicas) e línguas [...] ofereceram na América o lugar e a memória de quem se é (ser) e onde se está (estar)”.

Por esta via, prenunciada por Rosa e Palmério em suas provisórias impressões, chegamos ao desafio de, nos aproximando de onde estamos e de quem somos, aprender a reaprender. Especialmente em relação à experiência de falência da escrita de Mário Palmério, cujos planos ficcionais e ensaísticos são abandonados em meio à viagem e depois dela, arrisco dizer que encontramos aí não uma impotência, a impotência da palavra, mas a potência de um silêncio que pode ser educativo face a uma região, a uma natureza constantemente minada pelos interesses do capital, dos discursos, das ciências. Apenas, ver, escutar, sentir, seguir sem impor alterações e limites. Talvez, esteja aí uma lição que pode ser valiosa frente às urgentes necessidades de repensarmos nossos modos de estar no mundo ou, como sugestivamente nos provoca Ailton Krenak, nossos modos de adiar o fim do mundo.

## Referências

ANDRADE, Mário de. *O turista aprendiz*. São Paulo: Livraria Duas Cidades, 1983.

DERRIDA, Jacques. *Mal de arquivo: uma impressão freudiana*. Tradução Cláudia de Moraes Rego. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001.

FARIA, Daniel. As meditações americanas de Keyserling: um cosmopolitismo nas incertezas do tempo. *Varia Historia*, Belo Horizonte, v. 29, n. 51, p. 905-923, set./dez. 2013.

- KLINGER, Diana. *Literatura e ética: da forma para a força*. Rio de Janeiro: Rocco, 2014.
- KRENAK, Ailton. *Ideias para adiar o fim do mundo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.
- MASSEY, Doreen B. *Pelo espaço: uma nova política da espacialidade*. Tradução Hilda Pareto Maciel, Rogério Haesbaert. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2009.
- MIGNOLO, Walter. D. Desobediência epistêmica: A opção descolonial e o significado de identidade em política. *Caderno de Letras da UFF*, Rio de Janeiro, n.34, p. 287-324, 2008.
- ROSA, João Guimarães. *Ave, palavra*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.
- ROSA, João Guimarães. *Cartas a William Agel de Mello*. São Paulo: Ateliê, 2003.
- SOUZA, Eneida Maria de. *Narrativas impuras* [livro eletrônico]. Recife: CEPE, 2021.
- TUPIASSÚ, Amarílis. Amazônia, das travessias lusitanas à literatura de até agora. *Revista de Estudos Avançados*, São Paulo. V. 19, n. 53, p. 299-320, 2005.